

# Ausências e emergências: produção do conhecimento e transformação social

■ ROSANA DE LIMA SOARES\*

SANTOS, Boaventura de Souza (2007).  
*Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*  
(trad. Mouza Benedito). São Paulo: Boitempo, 128p.

## RESUMO

O livro reúne três seminários desenvolvidos por Boaventura de Sousa Santos na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires sobre questões relativas à ética e à política nas sociedades contemporâneas. Visando transformar as relações sociais implicadas nas crescentes disparidades existentes entre os países centrais e os periféricos, o autor discute questões locais, regionais e de caráter global no intuito de renovar a teoria crítica e aprofundar a luta política progressista visando a transformação social por meio da produção de conhecimento.

**Palavras-chaves:** teoria crítica, emancipação social, subjetividades.

## ABSTRACT

The book presents three articles written from the conferences that Boaventura de Sousa Santos performed at the University of Buenos Aires – Social Sciences Faculty. The issues addressed on each chapter concern topics related to ethics and politics in contemporary societies, as well as the social relations implied on these themes. The growing inequalities among developed and third world countries, as well as local, regional and global relations are presented by the author in order to renew critical theory and to plunge into the political discussion through knowledge production and dissemination.

**Key words:** critical theory, social change, subjectiveness.

\* Professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP).

**F**IGURA SINGULAR NO cenário intelectual, em 2005 o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos proferiu uma série de conferências em Buenos Aires (Argentina). Dois anos depois, chega ao Brasil a tradução dos três seminários desenvolvidos na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, um dos eventos integrantes daquela viagem. Contando com público variado – alunos de pós-graduação, professores e pesquisadores de diversas universidades do país, além de membros de organizações sociais –, cerca de 250 pessoas participaram assiduamente dos seminários. Nas palavras de Santos no prólogo ao livro, os encontros possibilitaram “essa oportunidade de expor minhas idéias e participar de um debate vivo e enriquecedor”.

Boaventura de Sousa Santos, autor já conhecido no Brasil por meio de diversos títulos publicados – entre eles, *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (Cortez, 1995) e, mais recentemente, *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (Cortez, 2006) – realiza, ao mesmo tempo, um debate teórico e a tematização ética e política de questões atuais. Visando transformar as relações sociais implicadas nas crescentes disparidades existentes entre os países centrais e os países periféricos, o autor relaciona questões locais e regionais àquelas de caráter nacional e global. O livro, dividido em três capítulos, reúne os temas apresentados nos seminários e os debates que se seguiram a essas apresentações. Cada um dos capítulos é resultado de um dos seminários, representando uma unidade ao mesmo tempo autônoma e integrada às demais na qual são sintetizadas, de acordo com o autor, “reflexões epistemológicas, teóricas e políticas”.

Na apresentação à edição brasileira, escrita por Gaudêncio Frigotto, vemos que as três dimensões aparecem em cada capítulo em diferentes níveis. O primeiro capítulo, intitulado “A sociologia das ausências e a sociologia das emergências: para uma ecologia dos saberes” apresenta o conceito de emancipação social – e a necessidade de reinventá-lo – com ênfase em sua dimensão epistemológica, e os outros dois seguem os aspectos teóricos e políticos, respectivamente.

Nesse primeiro capítulo, o autor parte da concepção da emancipação social como elemento central na modernidade ocidental, especialmente a partir da tensão entre a manifestação de inúmeros problemas sociais e a tentativa de resolvê-los visando a reorganização da sociedade. Experiências e expectativas oscilam na busca por essas soluções, em que as aspirações da modernidade – entre elas, liberdade, igualdade, solidariedade – tornam-se impossíveis na contemporaneidade sem sequer terem sido alcançadas. A teoria e a prática social são apresentadas como discrepantes, instaurando um hiato de possibilidades para o pensamento e a ação especialmente nas realidades dos chamados países periféricos.

A proposta apresentada pelo autor para combater o pensamento hegemônico das ciências sociais desde suas formulações está baseada em uma “sociologia das ausências” e numa “ecologia dos saberes”, organizadas a partir de novas formas de racionalidade que surgem nas periferias do mundo como forma de resistência a uma “razão indolente e preguiçosa” – que não tem necessidade de se exercitar pois se considera única e exclusiva, e que não se exercita de modo a abrir-se para a inesgotável diversidade epistemológica do mundo. É justamente nesse cenário que podemos falar de uma “sociologia das ausências”, nas palavras de Santos um procedimento transgressivo e insurgente “para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, como uma alternativa não-crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo”.

Na sociologia ocidental, as ausências seriam produzidas por meio de cinco modos (ou “monoculturas”): a monocultura do saber e do rigor; a do tempo linear; a da naturalização das diferenças; a da escala dominante; e, finalmente, aquela do produtivismo capitalista. Nesse quadro, tudo que não é produtivo no contexto capitalista é considerado “improdutivo”, produzindo ausências que deixam de lado, como não-existentes, diversas formas de experiências sociais. A “sociologia das ausências” visa, essencialmente, subverter essa produção de ausências transformando-as em objetos presentes, tornando visível aquilo que vem sendo escamoteado pela sociologia dominante. Substituindo as monoculturas por “ecologias”, Santos apresenta uma possibilidade de inversão dessa situação por meio de cinco modos: a ecologia dos saberes; a das temporalidades; a do reconhecimento; a das escalas locais e globais; e aquela das produtividades. Cada uma dessas ecologias diz respeito às monoculturas acima enumeradas, apresentando contrapontos frutíferos entre a sociologia das *presenças* e a sociologia das *ausências*.

Além da sociologia das ausências, é também uma “sociologia das emergências” que surge para fazer frente à razão sociológica tomada em seu sentido tradicional. Buscando identificar os sinais já existentes no presente como possibilidade do futuro – sinais esses emergentes e desacreditados justamente por não terem ainda se consolidado –, a “sociologia das emergências” busca trocar indicadores seguros por pistas incipientes, propondo o “ainda não” para pensar a realidade como aquilo que não existe mas está *emergindo*. Nas palavras do autor, “na sociologia das emergências temos de fazer uma ampliação simbólica, por exemplo, de um pequeno movimento social, uma pequena ação coletiva”, vislumbrando não um futuro abstrato mas aquele do qual temos indícios, presentificando o futuro.

Ao final do capítulo, Boaventura de Sousa Santos afirma que essas duas sociologias – a das ausências e a das emergências – irão produzir uma grande

# R

## Ausências e emergências: produção do conhecimento e transformação social

quantidade de realidades antes não existentes, mais fragmentadas, caóticas e plurais do que aquela antes vivida. Nesse sentido, um outro desafio se coloca na tentativa de compreender e ressignificar essas outras realidades, articulando-as por meio de um “procedimento de tradução” que contemple sua heterogeneidade e aponte, sobretudo, a não-univocidade de sentidos no mundo contemporâneo.

Após as considerações sobre a dimensão epistemológica, que revelam a amplitude das reflexões do autor, o segundo capítulo, intitulado “Uma nova cultura política emancipatória”, apresenta os fundamentos da produção teórica nas ciências sociais. Para isso, estabelece que a teoria marxista, mesmo contando com uma permanente tentativa de renovação em diversos lugares do mundo – e ainda que não questione a relevância dessa teoria – apresenta limitações por estar vinculada à idéia de progresso e de superação de determinadas condições sociais sob os auspícios de uma lógica racionalista. Nesse sentido, Santos faz críticas às tentativas de atualização presentes no marxismo e à possibilidade de sua historicização, não compartilhando da idéia corrente de que seja preciso renovar tal teoria. De modo diverso, propõe buscar outras perspectivas teóricas, afirmação corajosa que revela seu ponto-de-vista e, ao mesmo tempo, convida ao debate franco e polêmico.

Nas palavras de Frigotto, “a produção ou a reinvenção da teoria crítica, para o sociólogo português, enfrentam dois problemas resultantes da cultura e da modernidade ocidental: o silêncio e a diferença”. No primeiro deles, trata-se de um silenciamento que é fruto do contato colonial – portanto hierarquizado – de uma cultura hegemônica com outras culturas; no segundo, trata-se de um duplo movimento – problemático em ambos os casos – entre a rejeição à existência de outras culturas e a tentativa de estabelecer identidades fundamentalistas, que reconhecem as diferenças mas as tornam incomensuráveis. O exemplo que o autor oferece ao indagar sobre a possibilidade de uma filosofia africana é esclarecedor. Em suas palavras, trata-se de um grande debate entre *tradicionalistas* e *modernistas*, em que se pode reconhecer a existência de uma filosofia africana conectada com suas origens e, portanto, impossibilitada de dialogar com a filosofia ocidental; ou dizer que não há uma filosofia africana, apenas uma filosofia universal à qual as demais filosofias podem ser reduzidas. Boaventura de Sousa Santos indaga, justamente, sobre uma terceira possibilidade para o pensamento teórico, ou seja: como desenvolver uma posição “entre os que querem, por um lado, reconhecer a filosofia africana e, por outro, poder pensar que há um diálogo entre as filosofias”?

A interdisciplinaridade seria um caminho para a superação dessas dicotomias, bem como o desafio por distinguir entre “objetividade” e “neutralidade” em relação à realidade. Além dessas questões, o autor destaca a necessidade da

produção de “subjetividades rebeldes” em lugar de “subjetividades conformistas” e, ao final do capítulo, propõe a necessidade de criar uma epistemologia capaz de superar a matriz colonizadora ocidental. É nesse momento que avança para a discussão sobre formas políticas capazes de gerar transformações sociais, apresentando no terceiro capítulo o tema “Para uma democracia de alta intensidade”, visando a reconstrução de uma *utopia crítica*.

Nesse último capítulo, Santos reivindica a necessidade de uma objetividade engajada para pensar a questão democrática atual, evitando ao mesmo tempo o subjetivismo e a falsa visão da neutralidade das teorias. Uma contradição se impõe: como construir o novo a partir do já existente? Ou seja: como utilizar os instrumentos hegemônicos de que dispomos nos planos teórico e epistemológico – a legalidade, a democracia, os direitos humanos – de forma contra-hegemônica e tentar perceber, naquilo que está sendo esquecido e marginalizado pela modernidade ocidental, os vestígios e indícios do novo? A discussão sobre a democracia ocupa grande parte do capítulo final, enriquecida pelos calorosos debates transcritos no livro, e sintetiza a questão central desta obra de Santos: a tarefa de construir, na teoria e na práxis, “subjetividades rebeldes capazes de produzir uma alternativa à hegemonia conservadora e neoconservadora e seus feitos na ampliação da barbárie humano-social”, como afirma Frigotto em sua apresentação ao livro.

É no intuito de “renovar a teoria crítica e aprofundar a luta política progressista” que Santos nos apresenta suas conferências, expostas ao público e a um intenso debate que continua nas páginas do livro a cada vez que um leitor, diverso e atento como os participantes dos seminários, encontra suas idéias. Os textos agora publicados não são simples transcrições dessas exposições, mas trazem também questões que surgiram justamente a partir dos debates, apontando não apenas seus pontos de confluência como também suas dissonâncias. Intelectual sempre aberto ao debate, Boaventura de Sousa Santos cria e se apropria de termos novos, redefinindo seus sentidos, e nos impulsiona a exercer o livre exercício do pensar de modo diverso daquilo a que estamos habituados, lançando o permanente desafio de *renovar* o passado e *reinventar* o presente.